

**Protestantes fundamentalistas e o
Partido Republicano nos EUA: uma trajetória
de encontros, engajamentos e transformações
mútuas (1948 a 1980)**

**Fundamentalist Protestants and the
Republican Party in the United States:
A trajectory of encounters, engagement and
mutual transformations (1948 to 1980)**

*Dario Rodrigues da Silva¹
Breno Martins Campos²*

RESUMO

Em diálogo com o referencial teórico weberiano de afinidades eletivas – a possibilitar o reconhecimento de articulações entre as instâncias religiosa e política, dentre outras, numa sociedade em determinado período da história –, o escopo deste trabalho propõe-se a compreender as relações, o engajamento e as ações políticas estabelecidas por representantes destacados de denominações protestantes de mentalidade fundamentalista nos EUA e suas interações com o Partido Republicano durante o período compreendido entre as eleições presidenciais de 1948 e 1980. Por meio de pesquisa bibliográfica, o objetivo deste artigo é descrever e interpretar como foram conduzidas essas relações e como as interações transformaram os agentes das ações (o fundamentalismo protestante e seus desdobramentos) e a estrutura, os objetivos e as práticas do Partido Republicano.

¹ Graduado em Ciências Econômicas pela PUC-Campinas, bolsista de Iniciação Científica do FAPIC/Reitoria da PUC-Campinas.

² Doutor em Ciências Sociais, membro do Corpo Docente Permanente do PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas e professor da Faculdade de Ciências Sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Fundamentalismo. Política. EUA. Século XX.

ABSTRACT

In dialogue with the theoretical Weberian referential of elective affinities – to enable the recognition of articulations between religious and political instances, among others, in a society in a certain period of history –, this work proposes an investigation of the relations, the engagement and the political actions established by prominent representatives of Protestant denominations of fundamentalist mentality in the USA and their interactions with the Republican Party during the period between the presidential elections of 1948 and 1980. Through bibliographical research, the objective of this article is to describe and interpret how these relations were conducted and how the interactions transformed the agents of action (Protestant fundamentalism and its ramifications) and the structure, goals, and practices of the Republican Party.

KEYWORDS

Fundamentalism. Politics. USA. 20th Century.

Introdução

A dimensão política da trajetória histórico-cultural dos cristãos protestantes de mentalidade fundamentalista nos EUA, durante o período compreendido entre as eleições presidenciais de 1948 e 1980, apresenta-se como um tema relevante para o entendimento do fenômeno fundamentalista no campo dos estudos sociológicos da religião, pois nas relações de intersecção entre essa forma específica de praticar a religião e as formas institucionalizadas de poder do Estado são expressos e apresentados valores, concepções de mundo e do seu ordenamento, e são projetados interesses de ambos os lados envolvidos.

No âmbito deste artigo, o amplo período histórico foi adotado em virtude de eventos específicos e relevantes que se deram na relação entre os dois agentes (mentalidade fundamentalista e poder de Estado). Portanto, o que se propõe aqui, como recorte, é a investigação estrita das

relações entre fundamentalistas e o Partido Republicano, não obstante existirem diversas outras dimensões na formação do caráter sociopolítico e cultural dos EUA no mesmo período, mas que se encontram fora do escopo deste artigo. De um lado, figuras de destaque no campo protestante com mentalidade fundamentalista, ocupando o *locus* de lideranças religiosas, buscaram expressar um ordenamento do modo de vida social terreno que refletisse sua cosmovisão e suas preocupações de ordem escatológica; de outro, políticos (profissionais ou não) estavam em busca constante de ascensão ao poder e de permanência em sua operacionalização. Pelo aprofundamento dessas interações, tanto em intensidade como no decorrer do tempo, ambos os polos de interesses se interpenetram com elementos e objetivos, que, por fim, passam a ser comuns e, em alguns casos, indissociáveis.

O escopo deste trabalho, dependente de uma interpretação específica dentro da sociologia weberiana quanto à abordagem dos fenômenos, procura “compreender qual a influência do comportamento religioso sobre as outras atividades, ética, econômica, política ou artística, e de apreender os conflitos que possam surgir da heterogeneidade dos valores [a] que cada uma delas pretende servir”³. Num sentido mais amplo, o que se pretende é entender como atividades humanas orientadas de acordo a atingir fins ordinários (ou relações de causalidade no sentido “de uma espécie de dinâmica entre dois fenômenos qualitativamente diferentes”⁴) representam o tipo de questionamento que se encontra no centro da sociologia compreensiva de Max Weber⁵. Atividades humanas que não podem ser tomadas em sua totalidade, uma vez que pelas causas só se pode conhecer uma visão parcial da realidade; assim, no caso particular deste artigo, a compreensão se dá pela observação de alguns eventos significativos na forma do envolvimento e do engajamento de protestantes fundamentalistas em atividades políticas ao lado ou dentro do Partido Republicano.

Para além de como os indivíduos avaliam, apreciam, utilizam, criam e destroem as relações sociais, a explicação efetiva das relações sociais

³ FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 130.

⁴ FREUND, 1987, p. 40.

⁵ WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed. Brasília: Ed. UnB, 2014.

se dá também pela intenção desses indivíduos – somada a seus interesses e aos diferentes sentidos que possam dar a eles no decorrer do tempo⁶. Ademais, não podem ser desprezados nas mesmas explicações os modos pelos quais se transformam os próprios agentes na dinâmica dessas relações sociais. Portanto, para uma compreensão mais aprofundada da relação entre os agentes, é que se mostra muito competente o conceito de afinidades eletivas, segundo propõe Michael Löwy ao explicar a gênese do conceito como instrumento para a compreensão de elementos convergentes e análogos⁷. O próprio Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*⁸, argumenta que a análise das correlações, ou afinidades eletivas, permite compreender a maneira e a direção pelas quais um movimento religioso age sobre o desenvolvimento da cultura material.

Cultura é tomada, aqui, como “um padrão de significados corporificados transmitidos historicamente” na forma de símbolos e não somente de palavras; antes, como todo tipo de artefatos e estruturas que refletem os valores e os significados compartilhados⁹. Assim, da definição geral para o caso particular, pode-se dizer que a religião teve e tem um papel central na formação da identidade estadunidense, dando forma às visões de mundo dos indivíduos e aos padrões de significados compartilhados que tornam possível a cultura.

O conceito de afinidades eletivas permite superar questões meramente vinculadas a causalidades, possibilitando ainda evidenciar, por meio dos elementos convergentes e análogos das duas formas culturais, a mentalidade religiosa de cunho fundamentalista e a prática político-partidária num ambiente democrático, em situações de identidades significativas e de parentesco íntimo, a saber, as alianças formadas para as eleições presidenciais nos EUA. Pode-se perceber, assim, como os valores

⁶ FREUND, 1987.

⁷ A expressão *afinidades eletivas* aparece no original weberiano como *Wahlverwandtschaften* (LÖWY, M. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *PLURAL, Revista do Programa de PósGraduação*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011); na tradução brasileira do livro de Julien Freund (1987), por exemplo, é utilizada a tradução *correlações*.

⁸ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

⁹ GEERTZ, C. Religion as a Culture System. In: BANTON, M. B. *Anthropological Approaches to the Study of Religion*. Oxon: Routledge, 1966. p. 3.

da ética religiosa de mentalidade fundamentalista moldaram a forma do discurso político do Partido Republicano e a forma de algumas de suas práticas, bem como as consequências dessas interações no movimento religioso de mentalidade fundamentalista nos EUA, “em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo”¹⁰.

1. Conservadorismo nos EUA: protestantes fundamentalistas e o Partido Republicano

Danièle Hervieu-Léger explica que o surgimento histórico do fundamentalismo, como parte do protestantismo conservador do século XIX, e seu crescente isolamento da cultura dominante colocam-se como uma reação à turbulência econômica, social, política e intelectual dos EUA na virada para o século XX. Instaurou-se, naquele período, algo como uma disputa sobre a relação da religião com a sociedade, constitutiva da própria identidade estadunidense. Um elemento central do ideário fundamentalista tinha de ser, portanto, a promoção e a manutenção de um conjunto estrito de valores morais como definidores do caráter cristão e protestante da nação estadunidense, para combater o liberalismo cultural e teológico, mesmo que em graus variados de intensidade e engajamento¹¹.

O cristianismo protestante nos EUA, não restrito apenas a sua vertente conservadora, desde sua origem se identificou fortemente com os princípios de liberdade e de democracia, princípios caros aos peregrinos puritanos do século XVII que iniciaram o povoamento do nordeste dos EUA. Como consequência, esse mesmo protestantismo assumiu, em certo ponto, que a prática da escravidão era um paradoxo na essência do caráter cultural dos EUA: “num tempo em que os EUA eram conhecidos tanto por sua Cristandade como por sua preocupação com os direitos humanos, [...] escravos negros nos EUA eram tratados em alguns aspectos

¹⁰ LÖWY, 2011 p. 139.

¹¹ HERVIEU-LÉGER, D. Les fondamentalistes américaines en politique. *Lumière et Vie*, n. 186, p. 19-30, 1986.

como se não fossem humanos”¹². Apenas com a eliminação da escravidão, mesmo que ao custo de uma terrível e sangrenta luta, a ideia de um avanço rumo ao Reino poderia ser sustentada, bem como a noção de que a nova nação americana seria a porta de entrada para uma desejada Era Dourada¹³. A noção de excepcionalidade já existia no seio do protestantismo de língua inglesa e foi trazida à América pelos peregrinos puritanos. A cultura estadunidense assumiu a tradição desses puritanos como marco fundador e, assim, o religioso formou um vínculo indissociável com a nacionalidade, ainda que houvesse assentamentos e atividades econômicas anteriores, desde o início do século XVI a partir da Virginia, com maior expressão econômica e maior grau de inserção nos circuitos de trocas mercantis¹⁴.

Com o fim da Guerra Civil, houve um decisivo declínio da influência das instituições religiosas – uma verdadeira transformação cultural da sociedade americana –, em que se romperam as conexões com as influências religiosas nas mais diversas esferas da vida nacional, remetendo cada vez mais as questões religiosas à esfera privada dos indivíduos¹⁵. Desafios práticos e intelectuais vinham minando a fé na Bíblia como fonte única de verdade. A massiva migração para as cidades (combinada com a imigração de pessoas não protestantes para os EUA) produziu ou acelerou um processo de secularização, ou seja, a separação tácita e formal entre a esfera pública e as instituições religiosas, com a consequente restrição ou eliminação da influência da religião protestante na vida da nação americana¹⁶.

O movimento progressista nos EUA, por sua vez, teve origem a partir da organização de fazendeiros do Sul e de parte do Meio Oeste que exigiam reformas sociais radicais. Na aurora do século XX, esse movimento

¹² MARSDEN, G. M. *Religion and American culture*. Boston: Harcourt Brace College Publishers, 1990. p. 64.

¹³ MARSDEN, G. M. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1991.

¹⁴ OLIVEIRA, C. A. B. *Processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

¹⁵ HERVIEU-LÉGER, 1986.

¹⁶ WILLIAMS, D. K. *God's Own Party*. New York: Oxford University Press. Inc., 2010.

adquiriu tanta força que praticamente capturou o Partido Democrata. Exigia-se que o governo implementasse medidas para proteger os mais vulneráveis no sistema de livre iniciativa, constituindo, assim, um evangelho social que se tornou parte do discurso religioso de diversas denominações protestantes¹⁷. Já o fundamentalismo cristão protestante, com sua visão particular de como interpretar as coisas do mundo e de como se deve estender essa visão para outros aspectos da realidade social, formou um sistema teológico e ideológico muito próprio e singular¹⁸. Entre 1900 e 1920, delineou-se uma ruptura fundamental pela qual o movimento fundamentalista protestante deu origem ao *ethos* político da direita cristã nos EUA. A associação do progressismo político com a ideologia liberal, em conjunção com crises sociais e teológicas, dividiu o protestantismo estadunidense: liberais e conservadores politicamente se associaram respectivamente a liberais e conservadores teologicamente, o que foi chamado de “a grande virada” no evangelicalismo estadunidense¹⁹.

O Partido Republicano, também conhecido nos EUA como GOP (*Good Old Party*), tem suas origens na desintegração do Partido *Whig* e de parte do Partido Democrata, causada pela questão da escravidão, que foi central durante o processo de independência dos EUA. Criou-se uma república de senhores de escravos na Convenção Constitucional de 1787, com os acordos dos delegados do Sul e do Norte, ou seja, um governo nacional que para ser formado teria de se empenhar em proteger a escravidão²⁰. Em 1820, foi aprovado o *Missouri Compromise Act*, assegurando que os novos territórios ao Norte estariam livres da escravidão. Esse acordo abriu as portas para que, em 1854, ocorresse a aprovação do *Kansas-Nebraska Act*, que previa plebiscitos sobre a escravidão nos novos territórios, rompendo, assim, com o acordo firmado a partir do Missouri, “o qual levou a uma miniguerra civil no Kansas e à criação da primeira organização política antiescravidão nacionalmente viável:

¹⁷ MARSDEN, 1991.

¹⁸ ORO, I. P. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

¹⁹ MARSDEN, 1991.

²⁰ FINKELMAN, P. The cost of compromise and the covenant with death. *Pepperdine Law Review*, Malibu, v. 38, p. 845-888, 2011.

o Partido Republicano”²¹. Essa lei fez com que abolicionistas nortistas, tanto do Partido *Whig* como independentes do Partido Democrata, formassem um novo partido, que se reuniu para se opor ao rompimento do acordo do Missouri e que elegeu a abolição da escravidão como sua principal bandeira de fundação. “O nome *Republican* foi escolhido em alusão ao Partido Democrata-Republicano de Thomas Jefferson, remetendo-o a um compromisso com os direitos inalienáveis da vida, liberdade e busca da felicidade”²².

O novo partido rapidamente ascendeu ao poder, dado o grande apelo popular da causa da abolição no Norte, em torno do qual tanto teólogos protestantes conservadores quanto liberais se uniram em defesa do fim da escravidão. O apoio e o apelo à abolição dos escravos se encontravam apenas sub-representados no Congresso naquele momento histórico. Apenas seis meses depois da formação do Partido, 100 republicanos foram eleitos na Câmara dos Representantes, e com apenas quatro anos de existência o Partido já tinha seu candidato à presidência, Abraham Lincoln, de Illinois – eleito o 16º presidente dos EUA.

Os conservadores protestantes, entre eles, os de mentalidade fundamentalista, organizaram, do final da Guerra Civil, até os anos 1920, diversas campanhas de mobilização política em torno das questões de comportamento e moral que julgavam ser as mais importantes, e as principais foram as campanhas pela aprovação da *Lei Seca*. Essas campanhas falharam porque jamais conseguiram representar um programa amplo, para além das questões morais, que permitisse aos conservadores assumir o controle sobre um partido nacional. E foi exatamente isso que aconteceu a partir dos anos 1940²³. A luta do movimento fundamentalista tornou-se assim uma luta cultural, com ideário e prática políticos²⁴, que a partir dos anos 1940 encontrou no Partido Republicano o vetor político do movimento conservador estadunidense, o parceiro de afinidade para formalizar sua prática política.

²¹ FINKELMAN, 2011, p. 850.

²² HISTORY of GOP – Founding of the Republican Party. *GOP* [website].

²³ WILLIAMS, 2010.

²⁴ ROCHA, D. Combatendo pela alma da nação: alguns apontamentos sobre a subcultura política fundamentalista nos Estados Unidos. *História Agora*, v. 13, p. 108-123, 2013.

2. O surgimento do anticomunismo bipartidário e a disputa pelo voto conservador

Nos anos 1930, a questão que se impôs ao movimento protestante conservador foi se verdadeiros cristãos deviam se separar dos não crentes e formar as suas próprias igrejas ou se deviam continuar a apoiar denominações que, a seu ver, promoviam doutrinas anticristãs. O pré-milenarismo dispensacionalista provia uma justificativa para a separação:

[...] De acordo com a estrutura dispensacionalista da história mundial, a dispensação atual, ou a “era da igreja”, seria marcada pela regressão e pela corrupção da assim chamada civilização Cristã e pela apostasia de suas grandes igrejas. [...]. Crentes deveriam desistir da ilusão da “civilização Cristã”. Eles deveriam se separar em igrejas puras e pregar o evangelho pela causa maior de salvar as almas para a eternidade²⁵.

Essa visão das questões políticas e teológicas, sob a ótica dispensacionalista, ao organizar todas as coisas como parte das forças do bem e do mal, acabava por ter um efeito fortemente unificador²⁶. Essa mentalidade maniqueísta se consolidou como uma marca cultural em toda trajetória política dos fundamentalistas protestantes a partir de então. Estava aberta, portanto, a possibilidade de se construir uma saída política por meio do Partido Republicano.

Em 1928, o movimento fundamentalista rompeu de forma irreconciliável com o Partido Democrata por causa da indicação à presidência do católico Alfred E. Smith. Quando o Presidente Franklin Roosevelt baniu a Lei seca, em 1933, aumentou a presença do governo na vida nacional pelo *New Deal* e permitiu a influência de católicos em Washington, os fundamentalistas perceberam que não havia mais o que pudessem fazer para salvar o país do julgamento divino²⁷. Alguns chegaram a abandonar o tradicional termo “fundamentalista” em favor de outro mais otimista, “evangelical”. Foram lideranças que encontraram um elemento de afinidade com a esfera política, a influência para garantir o acesso à radiodifusão

²⁵ MARSDEN, 1991, p. 101.

²⁶ MARSDEN, 1991.

²⁷ WILLIAMS, 2010.

de seus programas de pregação, com um ponto a partir do qual, seletivamente, se transformariam. A primeira providência da Associação Nacional dos Evangélicos – NAE (sigla em inglês) – foi criar a subsidiária Associação Nacional de Radiodifusão Religiosa para proteger os direitos de difusão dos pregadores evangélicos no rádio. A NAE passou a ser, de forma ampla, não o único, mas o principal grupo de influência e de esforço lobista do movimento conservador em Washington.

O discurso cristão anticomunista surgiu na forma bipartidária, apesar de vários líderes da NAE, desde seu início, terem se aproximado do Partido Republicano. Muitos evangélicos, especialmente batistas sulistas, continuaram a votar nos Democratas, pois o partido não somente havia lhes oferecido um Estado de Bem-Estar Social e legislações trabalhistas, como também se apropriara do discurso linha-dura e anticomunista da mesma forma que os Republicanos. Essa combinação fez vencedora a candidatura de Harry S. Truman contra o republicano Thomas E. Dewey na eleição presidencial de 1948.

A base eleitoral Democrata, sobre a qual se formara a ampla coalizão conservadora protestante de mentalidade fundamentalista, conciliou-se, mesmo que não de forma coordenada, mas certamente por afinidade, com um candidato que, além de ter identidade regional por ser um batista sulista do Missouri, conseguiu capturar o discurso de combate ao comunismo – posição central no movimento conservador protestante dos EUA naquele momento. A partir dessa plataforma política ampla, alinhada à escatologia fundamentalista, os fundamentalistas protestantes superaram a barreira partidária naquela eleição.

No início dos anos 1950, a NAE havia alinhado sua campanha anticomunista ao Partido Republicano, de forma que era difícil distinguir os pronunciamentos de evangélicos do discurso dos políticos que eles apoiavam. Aproximação que foi facilitada, pois muitos dos congressistas republicanos eram fiéis de denominações evangélicas de mentalidade fundamentalista. “Uma pesquisa da revista *Christian Life* de 1951 revelou que mais de cem membros do 82º Congresso eram ‘Cristãos renascidos’. Muitos deles lecionavam em escolas bíblicas e participavam de encontros semanais de oração”²⁸.

²⁸ WILLIAMS, 2010, p. 19.

Em 1949, o pregador Billy Graham chamou a atenção do magnata da mídia William Randolph Hearst, que orientou seus editores a promover o pastor, tornando-o uma celebridade nacional em pouco tempo. Graham fez parte de um grande esforço de muitos fundamentalistas protestantes que, vendo-se como uma subcultura marginal nos EUA, trabalhavam para retomar o protagonismo de suas ideias²⁹. Em 1951, em função da condução do conflito na Coreia pelo presidente Truman, Graham rompeu com a administração Democrata e começou a trabalhar nos bastidores para convencer o então relutante General Dwight Eisenhower a se lançar candidato à presidência em 1952: “O povo cristão dos EUA vai votar em bloco no homem com maior força moral e plataforma espiritual, não importando suas visões em outros assuntos. [...] Eu acredito que nós podemos influenciar o equilíbrio do poder”³⁰. O anticomunismo deu outra forma à mentalidade fundamentalista, consolidando sua visão num panorama mais amplo e capaz de produzir uma plataforma política mais geral, e deixando de lado a imagem de subcultura marginal. O fundamentalismo foi, assim, reconduzido ao protagonismo, principalmente no plano da disputa político-partidária.

Quando Eisenhower se lançou candidato, um exultante Graham passou a promover a candidatura dele contra o oponente Democrata Adlai Stevenson. Seus diversos encontros com Eisenhower e com o parceiro de chapa, Richard Nixon, fizeram Graham chamar o primeiro de “um homem que acredita na oração” e o segundo de “o mais sincero” e “esplêndido homem da igreja”³¹. Ao perceber a decisiva importância do voto evangélico em sua eleição e o poder da devoção religiosa para unificar a nação na Guerra Fria, Eisenhower tomou a inédita decisão de ele mesmo proferir uma oração durante a cerimônia de posse em janeiro de 1953. Ele foi batizado pelo próprio Graham na Casa Branca pouco tempo depois da posse como 34º presidente dos EUA³².

Graham impulsionou rapidamente a imagem de um evangelicalismo predominantemente positivo, que rompeu com os limites do fundamentalismo,

²⁹ MARSDEN, 1990.

³⁰ WILLIAMS, 2010, p. 25.

³¹ WILLIAMS, 2010, p. 26.

³² WILLIAMS, 2010.

do qual se originara, ao se colocar no centro do poder, vida e cultura estadunidenses. Em 1957, durante uma das cruzadas evangelísticas em Nova Iorque, Graham aceitou o patrocínio do Conselho de Igrejas Protestantes local. Fundamentalistas estritos se sentiram ofendidos e denunciaram a cooperação do evangelista com protestantes liberais. Desse momento em diante³³, o termo fundamentalista passou a ser utilizado somente por aqueles que exigiam a separação das igrejas. Os fundamentalistas rotularam o movimento de seus antigos aliados de “novo evangelicalismo”, e, por fim, eles mesmos passaram a se denominar “evangelicais”³⁴.

A afinidade entre fundamentalistas e o Partido Republicano transformou um candidato religiosamente passivo em um presidente batizado, em torno do qual se construiu um conjunto de atributos e virtudes de um homem de fé e de igreja; ao possibilitar a entronização da plataforma religiosa conservadora nos círculos de poder e no *mainstream* cultural, essa interação contribuiu para transformar, por uma profunda cisão, o movimento conservador protestante nos EUA.

3. O combate a um mal maior

O anticomunismo produziu nos EUA a conversão de boa parte dos conservadores protestantes: aqueles que durante o século XIX viam o patriotismo como idolatria, e que passaram com a Guerra Fria a ter o “americanismo” como um tipo de religião civil. Fundamentalistas como Carl McIntire e Billy James Hargis professavam, nos anos 1950, que as grandes denominações protestantes faziam parte de um complô satânico para destruir o cristianismo nos EUA³⁵. Após a Segunda Guerra Mundial, havia nos EUA uma forte hostilidade inter-racial e inter-religiosa; havia por parte dos protestantes, tanto conservadores como liberais, uma associação direta do catolicismo com o autoritarismo, e, portanto, com o totalitarismo; além disso, uma crença de que se os católicos chegassem

³³ BUTLER JR., F. P. *Billy Graham and the End of Evangelical Unity*. Gainesville: University of Florida, 1976.

³⁴ MARSDEN, 1991.

³⁵ ARMSTRONG, K. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ao poder levariam ao fim as liberdades nos EUA³⁶. Em 1950, os católicos já representavam em torno de vinte por cento da população dos EUA contra trinta e cinco por cento de protestantes. O catolicismo de então se integrava à cruzada anticomunista – como a outra face do conservadorismo cristão. Nada, no entanto, representou a nova condição do catolicismo integrado aos EUA quanto a eleição em 1960 de John F. Kennedy, o único presidente católico até hoje³⁷.

Enquanto os evangélicos utilizavam o anticomunismo como instrumento para se aproximar dos políticos conservadores moderados do Partido Republicano, como Eisenhower, os fundamentalistas utilizavam o anticomunismo para criar um movimento político regional e para se opor ao governo federal pela fusão, no Sul do país, de um nacionalismo cristão, um anticomunismo militante e uma oposição aos direitos civis. Jerry Falwell assegurava aos segregacionistas que Deus e a nação estavam do lado deles, e que daria aos fundamentalistas, no futuro, a projeção política que procuravam³⁸.

Em 1960, o anticatolicismo havia arrefecido nas correntes majoritárias da população estadunidenses. Diversas lideranças liberais e moderadas retiraram a objeção a um presidente católico, deixando a questão da religião do candidato como um tema para evangélicos e fundamentalistas³⁹. Num raro momento de convergência e de afinidade, separatistas fundamentalistas independentes, evangélicos e denominações sulistas se uniram em torno do Partido Republicano. O candidato republicano, o então vice-presidente Richard Nixon, recebeu apoio, mesmo que não oficial, não somente de Graham, mas também da NAE, da Convenção Batista do Sul, de diversas denominações protestantes e de fundamentalistas sulistas como Bob Jones Jr. e John R. Rice⁴⁰. No caso dos evangélicos, o que estava em jogo era manter o acesso aos círculos de poder e de influência em Washington, construído com políticos republicanos moderados em torno do anticomunismo na forma do americanismo cristão. O que se passava do lado fundamentalista era a perspectiva de

³⁶ MARSDEN, 1990.

³⁷ MARSDEN, 1990.

³⁸ WILLIAMS, 2010.

³⁹ WILLIAMS, 2010.

⁴⁰ WILLIAMS, 2010.

poder abandonar a posição marginal na cultura e política estadunidenses, não obstante diversas justificativas e reflexões de ordem escatológica de cunho dispensacionalista e pré-milenarista que aplicavam sua interpretação bem particular à realidade política.

Ao final, Kennedy venceu a eleição, numa disputa decidida pela menor margem de votos até então, a despeito de não ter sequer obtido o apoio da Igreja Católica ou de suas principais lideranças – para profundo desapontamento de seu pai, Joseph Patrick Kennedy⁴¹. A eleição de Kennedy, o 35º presidente dos EUA, aboliu os vínculos dos evangélicos com o poder em Washington na década seguinte⁴².

Agrupados pela afinidade de seu anticatolicismo, os fundamentalistas definitivamente romperam, no plano político, com seus impulsos separatistas, relegando-os apenas à retórica religiosa, e assim se transformaram. Demonstraram ao Partido Republicano sua força, apesar do resultado eleitoral adverso, e alcançaram a condição de principais aliados e base do partido, tornando indissociáveis da atuação política do Partido Republicano as direções dadas pela nova direita cristã, que silenciosamente passava a se organizar.

4. Fundamentalistas e a nova direita cristã no Partido Republicano

Sem influência direta nas políticas federais, os protestantes começaram a mobilizar suas ações públicas em torno das chamadas “guerras culturais”, nas quais discutiam questões de comportamento e de moral individual ou coletiva, mediadas pelos poderes do Estado. A Suprema Corte, logo no início da década de 1960, determinou a proibição da oração em escolas públicas, num sinal, segundo a visão dos protestantes, de um momento de forte secularização do país. Somou-se a isso todo um clima constante de desagregação do tecido social causada pelas disputas do movimento pelos direitos civis e seus conflitos raciais, juntamente

⁴¹ NASSAW, D. *The Patriarch: the remarkable life and turbulent times of Joseph P. Kennedy*. New York: Penguin Group Inc., 2012.

⁴² WILLIAMS, 2010.

com a contracultura, o aumento do consumo de drogas, a chamada revolução sexual e o movimento de educação sexual nas escolas, o início do movimento feminista e a Guerra do Vietnã. O secularismo se tornou a preocupação prioritária dos conservadores protestantes, passando a ver na Igreja Católica uma aliada que também compartilhava das preocupações com o “declínio moral da nação”⁴³.

O Partido Democrata teve ampla maioria no Congresso, de 1955 (84º Congresso) até 1981 (96º Congresso), prevalecendo em oito eleições e mantendo durante um longo período o controle sobre a agenda legislativa do país⁴⁴. O Partido Republicano, minoritário, percebeu nesse processo de reorganização por afinidade, em que se posicionaram conservadores católicos, conservadores judeus, evangélicos e até mesmo fundamentalistas, a possibilidade de retomar certo protagonismo adotando a agenda cultural da direita cristã, percebendo que podia vencer no Sul se adotasse a retórica da guerra cultural. Com o fim do movimento pelos direitos civis, ao final dos anos 1960, que havia dividido os conservadores protestantes sobre as questões raciais, ficou facilitada a formação de uma nova coalizão política cristã entre evangélicos e fundamentalistas, permitindo a fundamentalistas, como Jerry Falwell, a retomada de seus vínculos com políticos republicanos de passado segregacionista⁴⁵. Foram criadas as condições políticas para uma nova coalizão cristã de direita nos EUA.

Outro fator determinante dessa nova formação foi uma importante alteração das condições demográficas: durante a maior parte do século XX, fundamentalistas e evangélicos, principalmente do Sul, estiveram abaixo dos protestantes das principais denominações do Norte em níveis de renda e de educação. Mas nos anos 1970 isso havia mudado, pois os sulistas passaram a contar com suas próprias e prósperas instituições de ensino, programas de televisão em rede nacional e um rentável mercado editorial de livros e revistas, operando orçamentos multimilionários e atraindo milhões de espectadores e leitores. “No final dos anos 70, eles percebem possuir poder de voto e recursos financeiros para mudar

⁴³ WILLIAMS, 2010, p. 5.

⁴⁴ HISTORY, Art & Archives, U.S. House of Representatives. *Party Divisions of the House of Representatives*.

⁴⁵ WILLIAMS, 2010.

a política nacional”⁴⁶. Essa mudança passaria pela tomada do Partido Republicano, na forma de controle do discurso e da plataforma política. A plataforma republicana para as eleições presidenciais em 1980, por exemplo, foi um claro reflexo da influência religiosa da direita cristã, com o compromisso de reverter a permissão ao aborto, garantir o reconhecimento da família como base da ordem social, restabelecer a oração nas escolas e dar apoio incondicional a Israel⁴⁷.

Um dos mais importantes televangelistas e líderes fundamentalistas, Jerry Falwell, personificou essa abordagem de tomada do Partido Republicano pela direita cristã ao criar, em junho de 1979, a organização *Moral Majority*, possibilitando uma ampla coalizão disposta a aceitar até não fundamentalistas, e mesmo católicos e judeus conservadores, sendo criticado por outras lideranças fundamentalistas, como Bob Jones Jr. e Bob Jones III⁴⁸. Paradoxalmente, a *Moral Majority* jamais representou a maioria do movimento conservador protestante, mesmo na eleição de 1980, mas sua capacidade de publicidade e penetração cultural entre os conservadores fez com que Jerry Falwell atribuísse à organização o protagonismo na balança eleitoral daquele ano⁴⁹.

Considerações finais

Com grande intensidade no período estudado neste artigo, o protestantismo fundamentalista e o Partido Republicano nos EUA experimentaram relações de afinidade eletiva, no desenrolar de diversas correlações, criando e destruindo relações sociais numa dinâmica para além da mera causalidade, e que resultaram em transformações tanto do movimento fundamentalista protestante como da prática partidária dos políticos republicanos. Toda essa dinâmica de relacionamento se deu dentro de uma constante disputa histórica pela primazia das ideias no desenvolvimento material da cultura estadunidense.

⁴⁶ WILLIAMS, 2010, p. 6.

⁴⁷ PETERS, G.; WOOLLEY, J. T. Republican Party Platform of 1980. *The American Presidency Project*, 1980.

⁴⁸ WILLIAMS, 2010.

⁴⁹ MARSDEN, 1990.

Foi no contexto dessa disputa que o fundamentalismo protestante nasceu, ou seja, de qual é o papel da religião protestante cristã como produtora de pontos de referência coletivos e garantidos pela Primeira Emenda da Constituição⁵⁰. Assim, o fundamentalismo é uma manifestação religiosa que resulta da própria dinâmica de formação da cultura estadunidense e, ao mesmo tempo, propõe-se a dar a ela uma forma segundo sua própria visão de mundo – especialmente como reação à secularização da sociedade, que remetia cada vez mais as questões religiosas à esfera privada dos indivíduos. Para isso, os elementos religiosos de disputa cultural assumem um ideário e uma prática política⁵¹ que encontram no Partido Republicano – em trajetória própria para se tornar o principal vetor político do movimento conservador estadunidense – o parceiro de afinidade ideal. Partido Republicano que também teve sua origem vinculada a uma disputa que dividia os EUA desde sua independência, a questão da escravidão, num paradoxo próprio do processo de formação constitucional da independência, que convergiu na sangrenta Guerra Civil, a partir da qual o então jovem partido se projetou como principal polo de poder político nos EUA até o fim da década de 1920.

Elementos da mentalidade protestante fundamentalista, com algum destaque para o anticomunismo, que no seio do movimento assumiam traços marcadamente maniqueístas, encontraram forte ressonância no cenário político ao final da Segunda Guerra Mundial, na polarização EUA *versus* URSS, materializando-se no Americanismo – o patriotismo e a devoção cristã se mesclaram numa religião civil. Abriram-se as portas para que o ideário fundamentalista rompesse seu caráter de subcultura marginal nos EUA, permitindo-lhe produzir uma plataforma política ampla, e, assim, se aproximar da disputa político-partidária nos pleitos presidenciais de 1948 e 1952, em condição de influência recíproca com o Partido Republicano.

De forma semelhante, o anticatolicismo, como elemento presente desde o surgimento do movimento protestante fundamentalista, prestou-se a dar forma às relações recíprocas entre os fundamentalistas, as denominações protestantes tradicionais, até mesmo as de cunho liberal,

⁵⁰ HERVIEU-LÉGER, 1986.

⁵¹ ROCHA, 2013.

e o Partido Republicano na disputa eleitoral de 1960 – para a prevenção de um “mal maior”. No caso, mais uma vez, alargaram-se os horizontes do movimento protestante fundamentalista, rompendo, ao menos no plano político, com seus impulsos separatistas, criando assim as condições para sua inserção e a de seu ideário na nova direita cristã.

A afinidade do movimento protestante fundamentalista com as guerras culturais, o dualismo manifesto na interpretação dos elementos contra os quais se contrapõe e o conflito constante pela hegemonia da construção material da cultura estadunidense, junto com as experiências políticas durante o século XX, gestaram as condições necessárias para que a integração do ideário fundamentalista não se desse mais apenas de forma marginal, como uma subcultura do movimento conservador, mas no protagonismo pela tomada do comando, do discurso e do programa do Partido Republicano. Mantendo a mesma mentalidade no plano religioso, cultural e com relação aos objetivos concretos, “como uma atividade humana deste mundo (*Diesseitig*), que se orienta significativamente de acordo com fins ordinários”⁵², os protestantes fundamentalistas estabeleceram seu discurso e sua visão de mundo no cerne da plataforma política do Partido Republicano, a partir do final dos anos 1970. Inclusive, em muitos pontos, como vanguarda do movimento conservador da direita cristã, vista hoje como o principal grupo de interesse e influência dentro do Partido Republicano.

As relações entre o fundamentalismo protestante e o Partido Republicano transformaram os dois lados. O partido, que nasceu de um movimento progressista, como o abolicionismo, se transformou, nessa interação, no principal polo político conservador. O movimento fundamentalista, com toda sua heterogeneidade, abandonou sua posição marginal e se impôs como um dos mais importantes grupos de interesse nos EUA. A religião é parte indissociável do caráter cultural dos EUA, e se manifesta em várias dimensões do cotidiano da política dos EUA. Essa relação dinâmica ressoa tanto na política dos EUA quanto na mentalidade fundamentalista até os dias de hoje – os desdobramentos atuais se apresentam com um relevante objeto para investigações futuras.

⁵² FREUND, 1987, p. 130.

Referências

- ARMSTRONG, K. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BUTLER JR., F. P. *Billy Graham and the End of Evangelical Unity*. Gainesville: University of Florida, 1976.
- FINKELMAN, P. The cost of compromise and the covenant with death. *Pepperdine Law Review*, v. 38, p. 845-888, 2011. Disponível em: <http://digitalcommons.pepperdine.edu/plr/vol38/iss5/3>. Acesso em: 21 mar. 2017.
- FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GEERTZ, C. Religion as a Culture System. In: BANTON, M. B. *Anthropological Approaches to the Study of Religion*. Oxon: Routledge, 1966. p. 1-35.
- HISTORY of the GOP – Founding of the Republican Party. *GOP* [website]. Disponível em: <https://www.gop.com/history/>. Acesso em: 31 mar. 2016.
- HERVIEU-LÉGER, D. Les fondamentalistes américaines en politique. *Lumière et Vie*, n. 186, p. 19-30, 1986.
- HISTORY, Art & Archives, U.S. House of Representatives. *Party Divisions of the House of Representatives*. Disponível em: <http://history.house.gov/Institution/Party-Divisions/Party-Divisions/>. Acesso em: 10 mai. 2016.
- LÖWY, M. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *PLURAL, Revista do Programa de PósGraduação da USP*, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- MARSDEN, G. M. *Religion and American Culture*. Boston: Harcourt Brace College Publishers, 1990.
- MARSDEN, G. M. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1991.
- NASSAW, D. *The Patriarch: the remarkable life and turbulent times of Joseph P. Kennedy*. New York: Penguin Group Inc., 2012.
- OLIVEIRA, C. A. B. *Processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

- ORO, I. P. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- PETERS, G.; WOOLLEY, J. T. Republican Party Plataform of 1980. *The American Presidency Project*. Disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=25844>. Acesso em: 7 abr. 2016.
- ROCHA, D. Combatendo pela alma da nação: alguns apontamentos sobre a subcultura política fundamentalista nos Estados Unidos. *História Agora*, v. 13, p. 108-123, 2013.
- HISTORY of Unitarian Unversalism. *Unitarian Universalist Association*. Disponível em: <http://www.uua.org/beliefs/history>. Acesso em: 3 jul. 2016.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- WILLIAMS, D. K. *God's Own Party*. New York: Oxford University Press. Inc., 2010.

Submetido em: 24/10/2017

Aceito em: 05/06/2018